

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**SUPORTE SOCIAL E ESTRESSE PARENTAL EM MÃES
UNIVERSITÁRIAS**

Camila Naomi Yamamoto

SÃO CARLOS - SP

2024

Camila Naomi Yamamoto

**SUPORTE SOCIAL E ESTRESSE PARENTAL EM MÃES
UNIVERSITÁRIAS**

Projeto de pesquisa para a disciplina Pesquisa em Psicologia: Monografia 4, apresentado como requisito para obtenção do grau de bacharel pelo programa de graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos sob orientação da Profa Dra. Sabrina Mazo D’Affonseca.

SÃO CARLOS - SP

2024

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, aos meus pais, Edson e Luzia, que lutam todos os dias para me proporcionar viver o sonho de estar em uma universidade, que me acolhem com afeto e cuidado e me dão todo o apoio necessário para seguir meus sonhos.

À minha irmã, Carolina, minha companheira desde meu primeiro dia de vida, obrigada por estar comigo em cada etapa da minha vida.

Ao meu parceiro, Alexandre, por me apoiar e acompanhar nessa jornada. Agradeço por nossos caminhos terem se cruzado e poder compartilhar a vida com você. Obrigada pelo suporte, paciência e companheirismo desde o início.

Aos meus amigos e companheiros de monografia, que foram essenciais para que todo esse processo se tornasse muito mais leve e prazeroso. Obrigada por estarem comigo durante esses anos.

Às mulheres incríveis que participaram dessa pesquisa, obrigada por torná-la possível e pela disponibilidade de tempo e energia para participar dela.

À minha orientadora, Sabrina, pessoa imprescindível nessa jornada, obrigada por me ensinar tanto todos os dias, por me guiar e apoiar no processo de construção desse estudo e por ser uma inspiração como pessoa e profissional, sempre com seu olhar acolhedor e cuidadoso.

RESUMO

A maternidade durante a jornada universitária une duas experiências que exigem esforço e dedicação, fazendo com que essas mulheres passem por dificuldades além das que seriam encontradas na experiência de apenas um desses papéis. A presente pesquisa, portanto, objetivou identificar a relação entre suporte social e estresse parental de mulheres que estão experienciando o processo de tornar-se mãe durante a experiência universitária. Participaram da pesquisa 11 mulheres de 21 à 24 anos que estavam matriculadas em um curso de graduação em uma instituição de ensino superior, pública ou privada, com filhos de até um ano de idade e que engravidaram enquanto estudantes do nível superior. As participantes responderam um formulário online que coletou dados de caracterização, a Escala de Percepção de Suporte Social (versão adulta) EPSUS-A e a escala de Estresse Parental (EEPa). Os resultados indicaram que houve correlações significativas, positivas e moderada entre satisfação parental e suporte afetivo ($r=0,639$), e correlações significativas, positivas e forte entre apoio instrumental ($r=0,868$) e escore total da escala EPSUS ($r=0,763$), corroborando com a literatura, que afirma que o suporte social pode ser um regulador do estresse parental. Discute-se também outros fatores de influência, como o tipo de universidade e o planejamento da gestação.

Palavras-chave: Maternidade, universidade, suporte social; estresse parental.

ABSTRACT

Motherhood during the university journey combines two experiences that require effort and dedication, making these women go through difficulties beyond those that would be encountered in the experience of just one of these roles. The present research, therefore, aimed to identify the relationship between social support and parental stress among women who were experiencing the process of becoming a mother as university's student. 11 women aged 21 to 24 participated. All were enrolled in an undergraduate course at a public or private higher education institution, with children up to one year old and who became pregnant while higher education students. Participants completed an online form that collected characterization data, the Perceived Social Support Scale (adult version) EPSUS-A and the Parental Stress Scale (EPPa). The results indicated that there were significant, positive and moderate correlations between parental satisfaction and affective support ($r=0.639$), and significant, positive and strong correlations between instrumental support ($r=0.868$) and total EPSUS scale score ($r=0.763$), corroborating with the literature, which states that social support can be a regulator of parental stress. Other influencing factors are also discussed, such as the type of university and pregnancy planning.

Key words: Maternity, university, social support; parental stress.

SUMÁRIO

RESUMO.....	3
SUMÁRIO	5
INTRODUÇÃO	7
OBJETIVOS.....	11
<i>Objetivo geral</i>	11
<i>Objetivos específicos</i>	11
MÉTODO	12
<i>Participantes</i>	12
<i>Instrumentos</i>	13
<i>Procedimentos</i>	15
<i>Etapa 1. Condução dos procedimentos éticos</i>	15
<i>Etapa 2. Recrutamento das participantes e coleta inicial de dados</i>	15
<i>Etapa 3. Análise de dados</i>	16
RESULTADOS.....	17
DISCUSSÃO	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. <i>Caracterização das Participantes da Pesquisa</i>	12
Tabela 2 . <i>Tabela normativa para a amostra total nas quatro dimensões e na pontuação total da EPSUS-A (Cardoso & Baptista, 2016)</i>	14
Tabela 3. <i>Itens presentes em cada subescala da Escala de Estresse Parental - EEPa (Brito & Faro, 2017)</i>	15
Tabela 4. <i>Caracterização das instituições de ensino</i>	17
Tabela 5. <i>Escores das participantes nas subescalas e na escala de estresse parental</i>	18
Tabela 6. <i>Escores das participantes nas subescalas e na escala suporte social</i>	21
Tabela 7. <i>Correlação entre as subescalas e escores total das escala de estresse parental (EPPa) e suporte social (EPSUS)</i>	23

INTRODUÇÃO

As diferentes visões acerca da maternidade ocorrem em decorrência da dinâmica da sociedade em que se vive, dependendo do momento histórico, cultural e social. O amor maternal não se trata de algo instintivo da mulher, sendo essencial avaliar sua história, suas oportunidades, desejo (ou ausência dele), suas condições socioeconômica e profissional, a relação com o genitor da criança, além das relações interpessoais com indivíduos que podem compor uma rede de apoio a ela (Correia, 1998). A mulher na contemporaneidade, não é mais vista como tendo seu destino natural à maternidade, ou seja, há a possibilidade de escolha e questionamento se essa é uma vontade sua (Braga et al., 2018), graças às lutas sociais e movimentos feministas que reivindicavam pelos direitos da mulher na sociedade (Sardenberg, 1994). A mulher passa, então, a ter outras possibilidades que dão lugar a novas ambições e realizações pessoais, que nem sempre incluem a maternidade, dando fim ao papel social antes delimitado à mulher como seu destino final a geração de um novo ser (Braga et al., 2018).

Os avanços e conquistas das mulheres ao longo das últimas décadas contribuíram para uma maior participação da mulher no mercado de trabalho e uma crescente escolarização das mesmas. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2021) indicam que em 2019, a taxa de participação das mulheres com 15 anos ou mais de idade foi de 54,5% e que as mulheres brasileiras eram, em média, mais instruídas que os homens (por exemplo, a proporção de pessoas de 18 a 24 anos que frequentavam nível superior em 2019 foi de 21,5% entre os homens e 29,7% entre as mulheres). Apesar da presença feminina no mercado de trabalho estar em crescimento, ainda se observa menores remunerações e maiores dificuldades enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho, em especial para mulheres pretas e pardas e aquelas com filhos menores de três anos de idade.

Quanto à presença das mulheres no ensino superior, a edição mais recente do Censo da Educação Superior (2021) mostra que 58,1% dos estudantes de graduação eram mulheres. Elas eram maioria também entre os concluintes do ensino superior (61%) e entre os estudantes de pós-graduação stricto sensu (54%)¹. Logo, faz-se necessário lançar um olhar a respeito de como a vivência feminina nesse espaço tem se desenvolvido, em especial quando essa mulher engravidada ou tem filhos.

¹ Fonte: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/dia-da-mulher-mulheres-sao-maioria-na-docencia-e-gestao-da-educacao-basica>

A maternidade durante a jornada universitária costuma ser vista pelas próprias mulheres como um complicador (Terra, 2019), uma vez que as mudanças e exigências decorrentes da maternidade podem afetar a recém-mãe, podendo acarretar em situações de estresse (Rapoport & Piccinini, 2011). Comumente é uma situação não planejada pelas jovens e que rompe com as expectativas sociais de que as mulheres do meio acadêmico sejam solteiras, independentes e que se dediquem aos estudos, a suas carreiras e abandonem seu destino como mães, devido à dificuldade de conciliação dos estudos e da maternidade (Terra, 2019). Julgamentos sociais, políticos e morais contribuem para aumentar os conflitos dessa vivência, rotulando as jovens por conta da gravidez, entendida como precoce (Manalang, Liongson & Bayubay, 2015).

Além disso, as demandas da universidade (provas, trabalhos e estágios) e da maternidade (alimentar, cuidar e brincar com o filho) se somam e podem levar a prejuízos no rendimento acadêmico e na vida pessoal, em especial quando ela assumi uma maternidade solo. Por exemplo, ela pode ter que faltar às aulas para cuidar do bebê, não conseguir realizar trabalhos em grupos, socializar com os amigos e amigas da faculdade, ter dificuldades para construir laços com seus filhos e lidar adequadamente com as demandas de cuidados. Todas essas situações podem dar uma sensação constante de falta e de não se sair bem em nenhum dos dois papéis, aumentando a autocobrança e o sentimento de incompetência e fracasso, o que pode tornar a permanência no meio universitário um desafio para as mesmas seguir com suas vidas em ambos os papéis (Urpia & Sampaio, 2011).

De fato, estudos sobre o tema apontam que essas mulheres apresentam dificuldades em conciliar as duas atividades e, ainda, sentem-se insatisfeitas com os resultados, pois acabam tendo que se dedicar mais a uma das funções (ser mãe ou ser estudante universitária) por conta da sobrecarga (Vieira et al., 2019). Além disso, mães universitárias tendem a receber um tratamento mais excludente quando comparado às mulheres universitárias (Terra, 2019), exigindo que estas façam mais que seus colegas para serem aceitos nesse meio (Hirst et al., 2006). Tais dificuldades podem ser mais expressivas quando há ausência de apoio de um companheiro ou companheira e da família (Sousa Melo et al, 2018). Sentimentos de culpa, dificuldades financeiras, restrições e isolamento social são outras consequências negativas de ser pai ou mãe na juventude (Urpia & Sampaio, 2011).

Nesse cenário é possível que ocorra o estresse parental. Define-se estresse parental como o desequilíbrio vivenciado pelos pais, caracterizado por ser desadaptativo, que ocorre quando os genitores não dispõem de recursos suficientes para lidar com as demandas da criança (Park & Walton-Moss, 2012). Se os níveis ultrapassam a capacidade de pais e

mães lidarem com a situação, o estresse pode comprometer a relação pais-filho e as práticas parentais envolvidas nessa relação, além de prejudicar a qualidade de vida parental e o desenvolvimento dos filhos (Hayes & Watson, 2013; Theule et al., 2013). Logo, o estresse parental é considerado como fator de risco para o desenvolvimento e bem-estar infantil, afetando negativamente as práticas educativas parentais e a relação das figuras parentais com seus filhos (Brito & Faro, 2017).

Em uma revisão sistemática de estudos que tinham como foco o estresse decorrente da parentalidade e/ou da relação pais-filho conduzida por Brito e Faro (2017), verificou-se que são poucos os estudos nacionais a respeito desse tema (n=11), sendo que os mesmos se focavam em: diagnóstico do estresse parental; estressores ligados ao estresse parental; suporte social como moderador do estresse parental e comportamento dos filhos, dinâmica familiar e estresse parental. Embora não houvessem estudos que associassem a relação entre o estresse parental e o suporte social, verificou-se que as variáveis suporte social percebido e satisfação com os mesmos atuam como moderadores do estresse ao poder auxiliar no modo como o indivíduo lida com as adversidades. Assim, o suporte social pode ser um importante aliado na regulação do estresse parental (Ramos & Canavarro, 2005).

Segundo Brito e Koller (1999), a rede de apoio é “*um conjunto de sistemas e de pessoas significativas, que compõem os elos de relacionamento recebido e percebido do indivíduo*”. Os vínculos e relações existentes permitem ao indivíduo desenvolvimento emocional e social, além de recursos que darão a ele a possibilidade de satisfação e de melhor saúde mental (Rapoport & Piccinini, 2006). Ademais, é um relevante amortecedor do efeito de diversos estressores (Graziani & Swendsen, 2007).

O conceito de rede foi desenvolvida pela sociologia antropológica e aborda o poder que ela tem sob o comportamento social das pessoas, partindo do pressuposto que preenchem necessidades individuais, pois oferece a oportunidade das pessoas criarem uma identificação pessoal, receberem ajuda, apoio e terem atividades sociais entre elas. As redes sociais fazem parte de um conceito multidimensional de suporte social, que pode trazer benefícios para a saúde física e mental do indivíduo. De acordo com Bowling (1997), as redes sociais podem oferecer uma interação de ajudas emocionais (dar conselhos, ouvir, mostrar-se empático e demonstrar afetividade) e/ou instrumentais (ajuda financeira, atos de serviços, como cuidar da criança, auxiliar em outras tarefas, etc) que define o suporte social que uma pessoa recebe (Siqueira, 2008). Além dessas, na década de 1990, foi incluído uma terceira fonte de ajuda, a informacional, que diz respeito a receber informações de diversos aspectos da vida e que ajudam a pessoa na tomada de decisão (Cardoso & Baptista, 2014).

Em uma pesquisa realizada por Moreno, Duarte e D’Affonseca (2020) com quatro graduandos (dois pais e duas mães) de uma universidade do interior do estado de São Paulo, com idade entre 18 e 29 anos, que conviviam com os filhos, verificou-se dificuldades de conciliação entre a maternidade/paternidade e os estudos, mas, quando oferecido o devido suporte, era possível lidar com grande parte das dificuldades. Dentre tais suportes, as autoras destacaram o apoio de indivíduos de confiança e o apoio institucional da universidade. Quanto a esse último aspecto, Silva (2019) relata que a possibilidade de exercício domiciliar e extensão do prazo para realização de provas e atividades avaliativas, garantida pela Lei 6202/75, era descumprida por algumas instituições de ensino superior, sendo grande o número de reclamações.

Considerando os dados da pesquisa realizada pelo IBGE (2016) de que 8,81% das mulheres cursando ensino superior com idade entre 19 e 29 anos possuíam filhos na faixa etária de 0 a 4 anos, o que implica que uma parcela das estudantes do ensino superior enfrentam demandas conflitantes que podem, por um lado, prejudicar seu desempenho acadêmico e formação profissional, e, por outro, contribuir para o surgimento do estresse parental, o qual pode comprometer a relação das estudantes com os filhos e prejudicar o desenvolvimento desses. Tendo em vista que o suporte social pode ser um importante aliado na regulação do estresse, a presente pesquisa pretende analisar o nível de suporte social que as mães universitárias recebem e o nível de estresse parental delas enquanto mães estudantes do ensino superior. Como um problema de saúde pública no Brasil, o tema em questão é de extrema relevância para compreender melhor as falhas existentes nas políticas públicas para mães que frequentam instituições de ensino superior e para refletir quais seriam as possíveis soluções para diminuir as possíveis consequências negativas.

OBJETIVOS

Objetivo geral

O objetivo geral da pesquisa consistiu em identificar a relação entre suporte social e estresse de mulheres que estavam experienciando o processo de tornar-se mãe durante a experiência universitária.

Objetivos específicos

1. Identificar o estresse parental de mães universitárias;
2. Analisar a rede de suporte social das mães universitárias;
3. Verificar o tipo de suporte social recebido por mães universitárias;
4. Verificar a correlação entre o nível de suporte social e estresse parental de mães universitárias.

MÉTODO

Participantes

Para participar da pesquisa estabeleceu-se os seguintes critérios de inclusão: (1) ter de 18 à 24 anos; (2) estar matriculada em um curso de graduação ou pós-graduação em uma instituição de ensino superior, pública ou particular; (3) que tenham filhos de até 1 ano de idade; e (4) que tenham engravidado enquanto estudante do ensino superior. No total, 22 mulheres responderam ao formulário de coleta de dados. Dessas, 10 foram excluídas por terem um filho de mais de 1 ano de idade e uma por ter idade superior a 24 anos. Assim, a amostra final foi de 11 estudantes universitárias. A Tabela 1 a seguir apresenta os dados de caracterização das participantes.

Tabela 1
Caracterização das Participantes da Pesquisa

	Idade	Autodeclaração étnico-racial	Religião	Estado civil	Sua gravidez foi planejada?
P1	24	Preto(a)	Católica	Casado(a) / União estável	Sim
P2	24	Branco(a)	Católica	Solteiro(a)	Não
P3	22	Preto(a)	Nenhuma	Solteiro(a)	Não
P4	23	Branco(a)	Evangélica	Casado(a) / União estável	Não
P5	22	Branco(a)	Nenhuma	Casado(a) / União estável	Não
P6	21	Preto(a)	Umbandista	Solteiro(a)	Não
P7	24	Preto(a)	Católica	Solteiro(a)	Não
P8	24	Branco(a)	Umbanda	Casado(a) / União estável	Não
P9	22	Branco(a)	Cristã Protestante	Casado(a) / União estável	Não
P10	21	Pardo(a)	Católica	Casado(a) / União estável	Não
P11	23	Branco(a)	Nenhuma	Solteiro(a)	Não

A idade das participantes variou de 21 a 24 anos. Seis participantes se identificaram como brancas, 4 como pretas e 1 parda. A maioria das participantes (n=8) disse ter alguma religião, dessas quatro se disseram católicas. Seis participantes estavam casadas ou morando junto com o companheiro (união estável) e apenas uma participante (P1) relatou que a gravidez tinha sido planejada.

Instrumentos

a) Questionário de identificação das participantes elaborado pela pesquisadora para atingir os objetivos da presente pesquisa. Continha questões relativas à idade, gênero, raça, estado civil, se tinha filhos(as) e a idade dele(s); informações sobre universidade em que estava matriculada (pública/particular), curso, semestre que estava cursando, se frequentou a universidade durante a gestação e recursos disponíveis para gestante e para a mãe.

b) Escala de Percepção de Suporte Social (versão adulta) EPSUS-A, elaborada por Cardoso e Baptista (2016) para avaliar a percepção do participante acerca do suporte recebido pela sua rede de apoio com base na teoria de suporte social de Rodriguez e Cohen (1998). O instrumento é composto por três questões: a primeira dela possui 36 itens e uma Escala Likert de 4 pontos (nunca, poucas vezes, muitas vezes e sempre); a segunda pergunta é sobre em quantas pessoas a participante pensou ao responder a pergunta anterior (nenhuma, 1 a 4, 5 a 7 e mais que 10); a terceira pergunta explora em quais grupos essas pessoas nas quais ela pensou se enquadram, como, família, amigos, parentes, entre outros. Para cada afirmação da primeira questão é atribuída uma pontuação específica, que pode variar de 0 (zero) a 3 (três) pontos. Dessa forma, ao final, obtém-se uma pontuação de 0 a 108 pontos no total, sendo que, quanto maior a pontuação, maior a percepção do suporte social. Além do escore total da escala, os itens são divididos em quatro subescalas, todas com índices de confiabilidade bons ou ótimos: (1) afetivo, composto por 17 itens ($\alpha = 0,92$); (2) interações sociais, composto por cinco itens ($\alpha = 0,75$), (3) instrumental, composto por sete itens ($\alpha = 0,82$) e (4) enfrentamento de problemas, sete itens ($\alpha = 0,83$). A Tabela 2 a seguir apresenta a classificação normativa do instrumento.

Tabela 2

Tabela normativa para a amostra total nas quatro dimensões e na pontuação total da EPSUS-A (Cardoso & Baptista, 2016)

	Baixo	Médio-Baixo	Médio-Alto	Alto
Afetivo	0-31	32-37	38-43	44-51
Interações Sociais	0-6	7-8	9-10	11-15
Instrumental	0-10	11-13	14-17	18-21
Enfrentamento de Problemas	0-10	11-12	13-15	16-21
Pontuação Total	0-63	64-73	74-85	86-108

c) **Escala de Estresse Parental (EPPa)**, traduzida e adaptada ao português por Brito e Faro (2017) a partir do *Parental Stress Scale* (PSS), desenvolvida por Berry e Jovens (1995). O instrumento trata-se de um autorrelato composto por 16 itens respondidos através de uma Escala Likert de 5 pontos (0=discordo totalmente a 4=concordo totalmente). A escala apresenta duas subescalas: (1) Satisfação parental ($\alpha = 0,69$) com 7 itens e (2) Estressores parentais ($\alpha = 0,79$) com 9 itens (ver Tabela 3).

O valor de cada subescalas é calculado a partir da somatória dos itens presentes, variando de 0-28 na subescala de satisfação parental e de 0-36 na subescala de estressores parentais. Para o cálculo do Índice de Estresse Parental, os itens da escala de satisfação parental são invertidos. Em seguida soma-se todos os itens do instrumento para a obtenção do escore total, o qual pode variar de 0 a 64 pontos, sendo que quanto maior a pontuação, maior o estresse parental.

Tabela 3

Itens presentes em cada subescala da Escala de Estresse Parental - EEPa (Brito & Faro, 2017)

Satisfação Parental ($\alpha = 0,69$)	Estressores Parentais ($\alpha = 0,79$)
Eu estou feliz no meu papel como pai/mãe	Cuidar do(a)(s) meu(minha)(s) filho(a)(s), às vezes, leva mais tempo e energia do que eu tenho para dar
Eu me sinto próxima do meu(minha)(s) filho(a)(s)	A principal fonte de estresse na minha vida e meu(minha)(s) filho(a)(s)
Eu gosto de passar tempo com meu(minha)(s) filho(a)(s)	Ter filho(a)(s) deixa pouco tempo e flexibilidade em minha vida
Meu(minha)(s) filho(a)(s) e uma importante fonte de carinho pra mim	Ter filho(a)(s) tem sido um peso financeiro
Ter filho(a)(s) me dá uma visão mais otimista para o futuro	É difícil equilibrar diferentes responsabilidades por conta do meu(minha)(s) filho(a)(s)
Eu estou satisfeito(a) como pai/mãe	Eu me sinto sobrecarregado(a) pela responsabilidade de ser pai/mãe
Eu acho meu(minha)(s) filho(a)(s) agradável	Se eu tivesse que fazer tudo de novo, talvez decidisse não ter filho(a)(s)
	Eu me sinto sobrecarregado(a) pela responsabilidade de ser pai/mãe
	Ter filho(a)(s) tem significado ter poucas escolhas e pouco controle sobre a minha vida

Procedimentos

Etapa 1. Condução dos procedimentos éticos

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos (CAAE – 65757022.0.0000.5504).

Etapa 2. Recrutamento das participantes e coleta inicial de dados

As participantes foram recrutadas de maneira remota através das redes sociais, como Instagram, Facebook e WhatsApp. Buscou-se divulgar a pesquisa em grupos voltados a gestantes universitárias de diferentes regiões do país. No convite da pesquisa estava descrito o tema, os objetivos da pesquisa, os critérios de inclusão e um link de acesso ao formulário para coleta de dados. Optou-se por utilizar a plataforma Google Forms por ser gratuito e de fácil

acesso às participantes. Ao clicar no link as participantes eram direcionadas ao Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE. Caso elas estivessem de acordo com os termos, elas deveriam selecionar a opção *Li e concordo em participar da pesquisa*. Àquelas que não estivessem de acordo, bastava fechar o formulário, sem que nenhuma informação fosse registrada. Após a anuência do TCLE, as participantes deveriam responder ao questionário de identificação das participantes; ao EPSUS e a EPPa.

Etapa 3. Análise de dados

Os dados quantitativos foram analisados a partir do software JASP versão 0.16.4. Para a escala EPSUS-A foram calculados os valores totais e de cada subescala, conforme descrito na seção instrumentos, e posteriormente foram consideradas a classificação normativa dos escores de acordo com a Tabela 1. Os escores totais e das subescalas da EEPa foram analisados conforme descrito na seção instrumentos. Todas as variáveis foram analisadas a partir de estatísticas descritivas (média, desvio padrão, valores mínimos e máximos, e frequência). Para verificar a correlação entre as variáveis, foi utilizado o teste de correlação de Spearman, sendo avaliadas a significância ($p < 0,05$; $p < 0,01$ e $p < 0,001$), a força da correlação (0,00 a 0,19 - muito fraca; 0,20 a 0,39 - fraca; 0,40 a 0,69 - moderada; 0,70 a 0,89 - forte; 0,90 a 1,00 - muito forte) e direção da mesma (positiva - diretamente proporcionais; ou negativa - inversamente proporcionais). As respostas abertas do formulário foram analisadas qualitativamente, separando as respostas em categorias de análise e posteriormente contabilizadas a frequência das mesmas.

RESULTADOS

A Tabela 4 apresenta os dados relativos às instituições de ensino frequentadas pelas participantes no momento da coleta de dados.

Tabela 4
Caracterização das instituições de ensino

	Tipo de instituição	Curso	Semestre	Frequentou as aulas durante a gravidez	A universidade oferece recursos
P1	Pública	Licenciatura em História	10	Sim, até o parto.	Não
P2	Privada	Psicologia	8	Entrei em regime especial. Ia às aulas, mas caso não fosse, não era penalizada.	Não
P3	Pública	Biblioteconomia e Ciencia da Informacao	5	Sim, até o parto.	Não
P4	Privada	Servico Social	6	Sim, até o parto.	Não
P5	Pública	Artes visuais - licenciatura	5	Sim, até o parto.	Não
P6	Pública	Servico Social	9	Nos 3 primeiros meses de gestação	Não
P7	Pública	Ciências biológicas ecologia e biodiversidade	9	Sim, até o parto.	Sim
P8	Privada	Psicologia	9	6 primeiros meses de gestação	Sim
P9	Privada	Ciências Sociais	10	Sim até o fim do período letivo	Não
P10	Pública	Licenciatura plena em Ciências Biológicas	6	Sim até o parto.	Não
P11	Pública	Pedagogia		8 meses de gestação, depois continuei em regime remoto	Não

Mais da metade das participantes (n=7) estavam matriculadas em instituições de ensino superior do tipo pública. Os cursos em que estavam matriculadas variavam entre as áreas de biológicas, humanas e exatas. Quando questionadas em relação à frequência nas aulas após a descoberta da gestação, um pouco mais que a metade (n=6) das participantes relataram que frequentaram as aulas até o momento do parto. Além disso, apenas 2 participantes (P8 e P7) responderam que acham que as universidades ofereciam os recursos necessários às mulheres grávidas, enquanto a maioria (n=9) respondeu que não.

A Tabela 5 apresenta os resultados da Escala de Estresse Parental (EEPa).

Tabela 5

Escores das participantes nas subescalas e na escala de estresse parental

	Satisfação parental (0-28)	Estressores parentais (0-36)	EEPA total (0-64)
P1	28	15	15
P2	28	23	23
P3	22	32	38
P4	28	19	19
P5	24	31	35
P6	23	28	33
P7	27	30	31
P8	26	29	31
P9	25	26	29
P10	21	34	41
P11	21	21	28

Os escores totais da EPPa variaram de 15 a 41 (M=29,36; DP= 7,85). De maneira geral, a maioria das participantes tiveram escores totais menores que a metade do escore total possível no instrumento (n=07), indicando baixo estresse parental. Quanto à subescala de satisfação parental, verificou-se que todas as participantes pontuaram próximo ao escore total da escala, variando de 21 a 28 (M=24,81; DP=2,78) indicando uma alta satisfação com o papel de mães. Já na subescala de estressores parentais, os escores variaram de 15 a 34 (M=26,18;DP=5,98), com apenas uma participante (P1), pontuando menos da metade do valor máximo da subescala.

A Tabela 6 apresenta os resultados da Escala de Percepção de Suporte Social EPSUS-A. Os dados da Tabela 6 indicam que o suporte social em todas as dimensões avaliadas (afetivo, interações sociais, instrumental e enfrentamento de problemas) foi pontuado como baixo ou médio baixo para a maioria das participantes. De fato, a maioria das participantes (n=07) obteve escore classificado como baixo no total da escala EPSUS-A.

A subescala *Enfrentamento de problemas*, com itens relacionados a “*qualidade da circulação de informações nas interações sociais, assim como a percepção de pessoas concebidas como suportivas e que auxiliam os indivíduos por meio de conselhos ou instruções úteis no processo de tomada de decisões e resolução de conflitos*” (Cardoso & Baptista, 2014, p.503), foi o que apresentou um maior número de participantes com avaliações positivas quanto ao suporte, isto é, escores classificados como alto (P8) ou médio alto (P1, P2, P7 e P9). Em seguida, a subescala *instrumental*, que engloba itens referentes a “*percepção de suporte de ordem material, como, posso contar com pessoas que (a) pagam minhas contas quando tenho um problema financeiro, (b) me fornecem alimentação quando preciso e (c) ajudam a comprar a medicação quando estou doente*” (Cardoso & Baptista, 2014, p.503), foi a que teve três participantes (P1, P2 e P8) pontuando como alto. A subescala *afetiva*, que diz respeito a “*suporte de ordem emocional que o indivíduo percebe e pode contar como vindo de outras pessoas*” (Cardoso & Baptista, 2014, p.503), teve apenas duas avaliações positivas, sendo uma média alta (P7) e uma alta (P8). Por fim, a subescala *interações sociais*, com itens relacionados a “*percepção de possíveis vínculos disponíveis, haja vista que os mesmos se referem a atividades sociais e de lazer*” (Cardoso & Baptista, 2014, p.503), foi a que teve mais avaliações negativas, tendo a maioria pontuando baixo (n=09), e apenas duas participantes pontuando médio alto (P1 e P7).

Ao serem questionadas quanto às pessoas que elas consideraram para responder às

questões relativas ao suporte social, todas as participantes destacaram alguma pessoa da família e oito citaram amigos em geral. Apenas uma participante (P3) destacou a universidade enquanto instituição e o trabalho, e P8, amigos da universidade.

Tabela 6*Escores das participantes nas subescalas e na escala suporte social*

	Afetivo		Interações sociais		Instrumental		Enfrentamento de problemas		TOTAL EPSUS		Quantas pessoas	Número de pessoas
	E	C	E	C	E	C	E	C	E	C		
P1	36	Médio baixo	10	Médio alto	18	Alto	13	Médio alto	77	Médio alto	5 a 7 pessoas	Família (4) e amigos (4)
P2	37	Médio baixo	4	Baixo	19	Alto	14	Médio alto	74	Médio alto	Mais que 10 pessoas	Família 5, parentes 5, amigos 3
P3	24	Baixo	3	Baixo	4	Baixo	2	Baixo	33	Baixo	5 a 7 pessoas	Família - 1 Universidade - 2 Trabalho - 3
P4	21	Baixo	2	Baixo	10	Baixo	6	Baixo	39	Baixo	5 a 7 pessoas	Família (7)
P5	32	Médio baixo	3	Baixo	8	Baixo	8	Baixo	51	Baixo	5 a 7 pessoas	família 3 e amigos 2
P6	15	Baixo	2	Baixo	5	Baixo	6	Baixo	28	Baixo	1 a 4 pessoas	1 da família e 2 amigos
P7	41	Médio alto	9	Médio alto	8	Baixo	15	Médio alto	73	Médio Baixo	1 a 4 pessoas	Família 3 amigos 2
P8	45	Alto	4	Baixo	19	Alto	19	Alto	87	Alto	5 a 7 pessoas	Família 2, amigos da universidade 3 e amigos em geral 2

P9	35	Médio baixo	6	Baixo	6	Baixo	13	Médio alto	60	Baixo	5 a 7 pessoas	Família (4), parentes (1), amigos em geral (2)
P10	19	Baixo	1	Baixo	2	Baixo	4	Baixo	26	Baixo	1 a 4 pessoas	Família (1)parentes (2)
P11	17	Baixo	3	Baixo	5	Baixo	7	Baixo	32	Baixo	1 a 4 pessoas	(2)família (2)amigos em geral

A Tabela 7 apresenta a correlação entre as subescalas e os escores total do EEPa e EPSUS-A.

Tabela 7

Correlação entre as subescalas e escores total das escala de estresse parental (EPPa) e suporte social (EPSUS)

		Afetivo	Interações sociais	Instrumental	Enfrentamento de problemas	Total EPSUS
Estressores parentais	rho	-0.027	-0.336	-0.526	-0.265	-0.345
	p-value	0.946	0.312	0.096	0.431	0.299
Satisfação parental	rho	0.639*	0.555	0.868***	0.587	0.763**
	p-value	0.034	0.077	< .001	0.058	0.006
Total EPPA	rho	-0.260	-0.487	-0.665*	-0.426	-0.524
	p-value	0.441	0.128	0.026	0.192	0.098

* $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Os dados da Tabela 7 indicam que houve correlações significativas, positivas e moderada entre satisfação parental e suporte afetivo ($r=0,639$), e correlações significativas, positivas e forte entre apoio instrumental ($r=0,868$) e escore total da escala EPSUS ($r=0,763$). Tais dados indicam que quanto maior o suporte afetivo, instrumental e o escore total da escala EPSUS, maior a satisfação da mesma no desempenho do seu papel parental. Ao calcular a variância explicada das correlações (r^2), verifica-se que a satisfação parental tem uma associação de 75% com apoio instrumental; 58% com o escore total da EPSUS e 40% com apoio afetivo.

Ademais, houve uma correlação significativa, moderada e negativa entre o índice de estresse parental e o apoio instrumental ($r=-0.665$), indicando que quanto menor o apoio instrumental as mães recebem/percebem, maior os níveis de estresse parental. Ao calcular a variância explicada dessa correlação (r^2), verifica-se uma associação de 44% apoio instrumental com o escore total da EPPa.

Logo, a partir dos dados de correlação, pode-se inferir que o suporte do tipo material é o tipo de suporte social mais correlacionado com o estresse e a satisfação parental.

DISCUSSÃO

A presente pesquisa buscou identificar a relação entre suporte social e estresse de mulheres que estavam experienciando o processo de tornar-se mãe durante a experiência universitária. Os dados obtidos indicaram que algumas dimensões de suporte social estavam associadas à satisfação parental e ao escore total de estresse parental, com destaque especial a dimensão de apoio instrumental (relativo a conselhos, informações, ajuda com a os cuidados do filho, da casa ou com as atividades acadêmicas e de trabalho e ajuda econômica) a qual teve uma associação de 75% com satisfação parental e de 44% com o escore total de estresse parental, sendo que quanto maior o apoio instrumental maior a satisfação e menor o estresse parental.

Tornar-se mãe durante o ensino superior é um desafio para as estudantes (Terra, 2019). Comumente engravidar nesse período da vida não é uma situação planejada (Terra, 2019). De fato, das 11 participantes que fizeram parte do estudo, apenas uma relatou que a gravidez havia sido planejada. Por contradizer a expectativa social de que essas jovens sejam independentes, se foquem nos estudos e abandonem seu destino como mães, a gestação pode acarretar julgamentos sociais, políticos e morais (Manalang, Liongson & Bayubay, 2015), o que pode aumentar os conflitos dessa vivência.

Para além das questões emocionais vivenciadas pelas novas mães, o nascimento de um filho implica em diversas mudanças na rotina e a ruptura dos papéis antes desempenhados para a construção de um novo papel – o de ser mãe (Casarotto, 2021). No caso de estudantes universitárias, esse processo implica na necessidade de lidar com demandas econômicas, da universidade, da maternidade e, em alguns casos, na mudança do status de relacionamento com o companheiro. Todo esse contexto pode contribuir para o estresse parental, isto é, para um desequilíbrio vivenciado pelos pais, que ocorre quando os genitores não dispõem de recursos suficientes para lidar com as demandas da criança (Park & Walton-Moss, 2012), podendo prejudicar a qualidade de vida parental e o desenvolvimento dos filhos (Hayes & Watson, 2013; Theule et al., 2013). No presente estudo, as participantes tiveram escores totais da EPPa variando de 15 a 41 ($M=29,36$; $DP= 7,85$), indicando que, em média, as participantes apresentavam baixo estresse parental.

Tal resultado pode ser reflexo da alta satisfação parental das participantes - todas pontuaram próximo ao escore total da escala (28 pontos), obtendo escores que variavam de 21 a 28 ($M=24,81$; $DP=2,78$); uma vez que na escala de estressores parentais os escores

variaram de 15 a 34 ($M=26,18;DP=5,98$), com apenas uma participante (P1), pontuando menos da metade do valor máximo da subescala. “*Cuidar do(a)(s) meu(minha)(s) filho(a)(s), às vezes, leva mais tempo e energia do que eu tenho para dar*”, “*ter filho(a)(s) deixa pouco tempo e flexibilidade em minha vida*”, “*é difícil equilibrar diferentes responsabilidades por conta do meu(minha)(s) filho(a)(s)*”, “*eu me sinto sobrecarregado(a) pela responsabilidade de ser pai/mãe*” e “*ter filho(a)(s) tem significado ter poucas escolhas e pouco controle sobre a minha vida*” foram as frases que mais obtiveram pontuação máxima nas respostas das participantes, indicando que elas concordavam com essas frases. Tal dado reflete os impactos da maternidade em relação ao tempo, energia, flexibilidade e no sentimento de sobrecarga. De fato, tornar-se mãe no ambiente acadêmico faz com que essas mães enfrentem obstáculos relacionados aos dois âmbitos, a universidade e a maternidade, e as demandas dos dois papéis somados podem levar a prejuízos significativos na vida dessas mulheres, visto que nem sempre as demandas da maternidade são partilhadas entre os genitores (Urpia & Sampaio, 2011).

Cumprir destacar que essa percepção de sobrecarga, de falta de tempo e de energia relatada pelas participantes pode contribuir para uma sensação constante de falta e de não se sair bem em nenhum dos dois papéis (estudante e mãe), o que pode levar a um aumento da autocobrança, ao sentimento de incompetência e fracasso e ao estresse parental. Como consequência, a permanência no meio universitário pode ser vista como um desafio para as mesmas seguir com suas vidas em ambos os papéis (Urpia & Sampaio, 2011), o que poderia levar ao abandono dos estudos e da carreira profissional para lidar com as demandas do filho. Levando em conta a interseccionalidade de classe, estudantes provenientes de contextos socioeconômicos menos favorecidos, teriam uma probabilidade maior de abandonar seus estudos e, como consequência, ter uma menor chance de mobilidade social do que estudantes provenientes de contextos socioeconômicos mais favorecidos. Logo, as instituições de ensino superior deveriam estar atentas às necessidades e demandas dessas jovens mães para favorecer a permanência delas no ensino superior, visto que os dados do presente estudo indicaram que uma correlação significativa, moderada e negativa entre estresse parental e suporte social do tipo apoio instrumental. Isso significa que, quanto maior o nível de suporte social do tipo instrumental menor o nível de estresse parental, pois uma ajuda de forma tangível e concreta ajudaria essas mulheres a conseguirem dividir seu tempo, energia e dedicação com outras atividades, como as acadêmicas (provas, trabalhos, atividades sociais, etc). Ao analisar os escores individuais, verifica-se, por exemplo, que P1 e P2, as quais tiveram as menores pontuações no escore total da EPPa, respectivamente 15 e 23, foram as

que tiveram a maior pontuação na dimensão instrumental da escala EPSUS-A.

De acordo com a revisão realizada por Rapoport e Piccinini (2006), o apoio de familiares, de instituições formais e de empregados é essencial tanto para a mulher grávida quanto para a nova mãe. Os autores destacam que ter apoio social tende a aumentar a responsividade materna, o que acaba contribuindo para o desenvolvimento do bebê e da relação mãe-bebê, especialmente em situações estressantes. Nesse mesmo sentido, a revisão integrativa da literatura nacional sobre as mudanças emocionais ocorridas após o nascimento do filho e a importância do apoio social para o desenvolvimento da díade mãe-bebê realizada por Cardoso e Vivian (2017) conclui que o apoio social se constitui em uma importante ferramenta de suporte psicológico e emocional para as mães durante o período do puerpério. Em concordância com esses achados, os dados da presente pesquisa sinalizam uma correlação significativa, positiva e moderada entre satisfação parental e suporte afetivo (suporte de ordem emocional em que o indivíduo percebe que pode contar com a ajuda vinda de outras pessoas), isto é, quanto maior o nível de suporte afetivo, maior o nível de satisfação parental. Ramos e Canavarro (2005) apontam que as redes de suporte social percebido e a satisfação com os mesmos atuam como moderadores do estresse parental. Nesse sentido destaca-se o escore de P8 que obteve maior escore de satisfação parental na EPPa e foi a única a obter pontuação alta na dimensão afetiva da escala EPUSA. Possuir esse suporte pode aumentar o sentimento materno de autoconfiança (Rapoport & Piccinini, 2011).

De acordo com Hirst e Owen (2006), as mães podem passar a experimentar o isolamento após a gestação no ambiente universitário, o que foi relatado por P2 durante a coleta. Além de não terem colegas ou amigos que estejam passando pela mesma situação, as mães universitárias tendem a receber um tratamento mais excludente quando comparado às mulheres universitárias (Terra, 2019), exigindo que estas façam mais que seus colegas para serem aceitos nesse meio (Hirst et al., 2006), o que pode contribuir para uma rede de apoio social menos expressiva no ambiente acadêmico. De fato, os dados do presente estudo indicaram que apenas uma participante apontou amigos da universidade como rede de apoio (P8) e outra colocou universidade como um todo, não especificando se eram amigos(as) do curso, professores, funcionários ou serviços ofertados pela instituição. Essa é uma limitação da coleta de dados realizada. Por um lado favoreceu a participação de estudantes de diferentes instituições de ensino, mas por outro dificultou a exploração de alguns dados obtidos.

Buscando identificar variáveis que possam estar associadas a percepção de suporte social e ao estresse parental, analisou-se as características sociodemográficas e o relato das participantes que obtiveram o maior e o menor escore nas escalas EPSUS-A e EPPa. P8 foi a

participante com a maior pontuação nos instrumentos. P8 se identificou como branca, casada, com gravidez não planejada. Ela era estudante de Psicologia em uma universidade privada. De acordo com ela a universidade oferecia recursos necessários às gestantes. Ela frequentou a universidade até o 6º mês de gestação e afirmou que a universidade oferecia algumas condições especiais para gestantes e puérperas, como, por exemplo, vaga de estacionamento preferencial e elevadores mediante atestado médico. Já P10 obteve baixo escore total no EPSUS-Ae maior escore da EEPa. Ela se identificava como uma mulher parda, casada, com gravidez não planejada. Ela cursava Ciências Biológicas em uma universidade pública e teve que frequentar as aulas até o momento do parto. A participante relatou que a universidade não oferecia recursos necessários às gestantes, afirmando sentir falta de informações em relação aos seus direitos e de seu bebê, além da falta de empatia por parte dos professores, que não se esforçavam em enviar o material didático para que ela pudesse acompanhar as aulas. Além disso, também relatou que, durante o puerpério, teve que conversar com os professores e solicitar as atividades para não reprovar. Além de P8, outras participantes também relataram a falta de acessibilidade para gestantes nos ambientes físicos das universidades, como P1 e P5. Assim, o fato de P8 estar inserida em uma universidade que possui infraestrutura para assistir às gestantes pode ter sido essencial para uma experiência positiva não obtida pela P10.

Outro ponto de análise é em relação ao planejamento da gravidez. Na presente pesquisa, apenas 1 de 11 participantes teve sua gravidez planejada. Refere-se a P1, uma mulher preta, de 24 anos, casada, que frequenta uma o curso de licenciatura em História em uma universidade pública. Seu resultado, já apresentado anteriormente, no EEPa foi o menor escore da coleta (15), indicando baixo estresse parental, e seu resultado no EPSUS-A foi médio alto (77), sendo o segundo maior escore obtido na amostra. Ter uma gestação planejada também pode significar o desejo da mulher de ser mãe e de assumir esse novo papel social, tendo já um preparo para receber o bebê em sua vida. O fator planejamento e desejo pode ser uma variável importante quando se fala em estresse parental, visto que, hoje, muitas mulheres não têm a maternidade como seu único destino, possuindo a possibilidade de se inserir em e novos caminhos e ambições, como a universidade, e adiar a maternidade ou simplesmente não desejá-la (Braga, Miranda & Veríssimo, 2018). Nessa lógica, ser mãe sem desejar e planejar pode acarretar em uma maternidade como um fator estressante em sua vida.

Ademais, destaca-se a dificuldade para se conseguir participantes nesta pesquisa por conta do público alvo ter muitas especificidades, o que refletiu no tamanho da amostra. Apesar de contar com participantes de diferentes localidades do Brasil, concentrou-se nas regiões Sul e Sudeste do país, tendo apenas 2 participantes do nordeste e nenhuma do Norte e

Centro-Oeste, não retratando, portanto, a realidade do país como um todo. Isso também dificulta a generalização das informações que foram obtidas na presente pesquisa. Apesar disso, deve-se destacar as contribuições da presente pesquisa. Além de ser a única pesquisa até o momento que correlacionou o estresse parental com suporte social, ela lança luz a um tema importante de ser pesquisado, a maternidade no ensino superior, buscando sair da realidade específica de um curso ou uma instituição, e buscando abarcar a experiência de estudantes de diferentes tipos de instituição (pública/privada) e diferentes regiões brasileiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou identificar e relacionar o suporte social com estresse parental de mulheres que tornaram-se mães enquanto estudantes universitárias. As correlações encontradas convergem com a literatura confirmando que possuir e perceber uma rede de suporte social atua como um regulador do estresse parental, que ocorre quando os genitores não possuem recursos suficientes para lidar com as demandas do bebê. O suporte social do tipo instrumental, que engloba suporte de ordem prática, é o tipo de suporte mais correlacionado com o estresse parental. Isso significa que quanto mais ajuda concreta, com auxílio em atividades práticas essas mulheres recebem, maior a satisfação parental e menor o nível de estresse parental delas. A correlação encontrada entre suporte social do tipo afetivo e satisfação parental também demonstra a importância de se possuir uma rede de apoio que seja percebida e que apoie essas mães, pois o sentimento de insuficiência pode surgir, principalmente pela dificuldade em conciliar as demandas dos dois papéis, que acabam acarretando em dedicação maior em um deles. Além disso, outros fatores também podem interferir na experiência materna dentro da universidade: (1) o planejamento da gestação; (2) infraestrutura e suporte da universidade. A maioria das participantes não tiveram a gestação planejada. A única participante com gestação planejada teve menor escore de estresse parental. Ademais, estar inserida em uma universidade que assiste às gestantes, tanto em relação ao espaço físico com questões de acessibilidade, quanto em relação a flexibilidade nas aulas e entregas de trabalhos e provas também apareceu como um fator que pode fazer a diferença. Com isso, fica evidente a necessidade de mais pesquisas no tema e de um olhar mais cuidadoso e empático com as mulheres mães que estão inseridas no ambiente universitário diante das dificuldades encontradas, além de maiores investimentos em acessibilidade nos ambientes. Sugere-se que pesquisas futuras busquem uma amostra maior de participantes, representativas de diferentes regiões, e que investiguem outros aspectos que podem estar relacionados com a experiência de tornar-se mãe no ambiente universitário.

REFERÊNCIAS

- Bardin, L.. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- Bowling, A. (1997). *Measuring health: A review of quality of life measurement scales*. Philadelphia: Open University.
- Braga, R. C., Miranda, L. H. de A., & Veríssimo, J. D. P. C. (2018). Para além da maternidade: as configurações do desejo na mulher contemporânea. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 3(6), 523-540. Recuperado de <https://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15994>
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Censo Escolar da Educação Superior: divulgação dos resultados 2021*.
- Brito, A., & Faro, A. (2017). Diferenças por sexo, adaptação e validação da Escala de Estresse Parental. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 16(1), 38-47. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712017000100006&lng=pt&tlng=pt
- Brito, R., & Koller, S. H. (1999). Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. In A. M. Carvalho (Ed.), *O mundo social da criança: Natureza e cultura em ação*, 115-129. São Paulo, Brasil: Casa do Psicólogo
- Casarotto, M. (2021). *A experiência do “tornar-se mãe” em mães biológicas e em mães adotivas*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14367>
- Cardoso, H. F., & Baptista, M. N. (2014). Escala de Percepção do Suporte Social (versão adulta) - EPSUS-A: estudo das qualidades psicométricas. *Psico - USF*, 19, 499-510. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-82712014019003012>
- Cardoso, Ana Carolina Alifantis, Vivian, Aline Groff (2017). Maternidade e suas vicissitudes: a importância do apoio social no desenvolvimento da díade mãe-bebê. *Diaphora*, 17 (1), 43-51. Recuperado de <http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/134/139>
- Correia, M. D. J. (1998). *Sobre a maternidade*. *Análise psicológica*, 3(16), 365-371. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10400.12/5739>

- Graziani, P., & Swendsen, J. (2007). *O stress – Emoções e estratégias de adaptação*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Hayes, S. A., & Watson, S. L. (2013). The impact of parenting stress: A meta-analysis of studies comparing the experience of parenting stress in parents of children with and without autism spectrum disorder. *Journal of autism and developmental disorders*, 43, 629-642. doi: <https://doi.org/10.1007/s10803-012-1604-y>
- Hirst, J., Formby, E., & Owen, J. (2006). *Pathways into Parenthood: Reflections from Three Generations of Teenage Mothers and Fathers*. Sheffield: Sheffield Hallam University.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2021). *Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil*. 2ª edição.
- Lei nº 6.202 de 17 de abril de 1975,/ (1975). Atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L6202.htm. Brasília. 1975. Recuperado em 28 de janeiro de 2024.
- Manalang, D. C., Liongson, P. A., & Bayubay, E. N. T. (2015). The lived experiences of college student mothers in managing their dual roles: an exploratory study. DataCite, Angeles City.
- Moreno, C. S., Duarte, G. M., & D'Affonseca, S. M. (2020). A condição universitária e a vivência parental. *Psicologia Argumento*, 38(101), 548-579. doi: <https://doi.org/10.7213/psicolargum.38.101.AO08>
- Park, H., & Walton-Moss, B. (2012). Parenting style, parenting stress, and children's health-related behaviors. *Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics*, 33(6), 495-503. doi: 10.1097/DBP.0b013e318258bdb8
- Ramos, M. M., & Canavarro, M. C. (2005). O papel das relações com a família de origem e do suporte social na adaptação à transição para a maternidade. In II Congresso Hispano-Português de Psicologia. Lisboa. Recuperado em https://www.researchgate.net/profile/Mariana_Moura-Ramos/publication/28083175_O_papel_das_relacoes_com_a_familia_de_origem_e_d_o_suporte_social_na_adaptacao_a_transicao_para_a_maternidade/links/55bf7a0e08aed621de13924c.pdf
- Rapoport, A., & Piccinini, C. A. (2006). Apoio social e experiência da maternidade. *Journal of Human Growth and Development*, 16(1), 85-96. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000100009&lng=pt&tlng=p

- Rapoport, A., & Piccinini, C. A. (2011). Maternidade e situações estressantes no primeiro ano de vida do bebê. *Psico-USF*, 16, 215-225. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712011000200010>
- Sardenberg, C. M., & Costa, A. A. A. (1994). Feminismos, feministas e movimentos sociais. *Mulher e relações de gênero*, 8, 81. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/6889>
- Silva, J. S. D. (2019). Formação de professores: os desafios das mães universitárias no curso de pedagogia da UFRJ. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Siqueira, M. M. M. (2008). *Construção e validação da escala de percepção de suporte social*. *Psicologia em estudo*, 13, 381-388. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000200021>
- Terra, A. P. R. (2019). *Dificuldade das estudantes grávidas e jovens mães na universidade e no estágio: existe um perfil de mulher acadêmica?*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2019. Disponível em: <http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/20625>
- Theule, J., Wiener, J., Tannock, R., & Jenkins, J. M. (2013). Parenting stress in families of children with ADHD: A meta-analysis. *Journal of emotional and behavioral disorders*, 21(1), 3-17.
- Urpia, A. M. D. O., & Sampaio, S. M. R. (2011). Mães e universitárias: transitando para a vida adulta. In S. M. R. Sampaio (Org.), *Observatório da vida estudantil: primeiros estudos* (p. 145-168). Salvador: EDUFBA. Recuperado de <https://static.scielo.org/scielobooks/n656x/pdf/sampaio-9788523212117.pdf>
- Vieira, A. C., Souza, P. B. M. de, & Rocha, D. S. da P. (2019). Vivências da maternidade durante a graduação: uma revisão sistemática. *Revista Cocar*, 13(25), 532–552. Recuperado de <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2172>